

# Carlos Drummond de Andrade – Poema-orelha

Esta é a orelha do livro  
por onde o poeta escuta  
se dele falam mal  
ou se o amam.  
Uma orelha ou uma boca  
sequiosa de palavras?  
São oito livros velhos  
e mais um livro novo  
de um poeta inda mais velho  
que a vida que viveu  
e contudo o provoca  
a viver sempre e nunca.  
Oito livros que o tempo  
empurra para longe  
de mim  
mais um livro sem tempo  
em que o poeta se contempla  
e se diz boa-tarde  
(ensaio de boa-noite,  
variante de bom-dia,  
que tudo é o vasto dia  
em seus compartimentos  
nem sempre respiráveis  
e todos habitados  
enfim).  
Não me leias se buscas  
flamante novidade  
ou sopro de Camões.  
Aquilo que revelo  
e o mais que segue oculto  
em vítreos alçapões  
são notícias humanas,

simples estar-no-mundo,  
e brincos de palavra,  
um não-estar-estando,  
mas de tal jeito urdidos  
o jogo e a confissão  
que nem distingo eu mesmo  
o vivido e o inventado.  
Tudo vivido? Nada.  
Nada vivido? Tudo.  
A orelha pouco explica  
de cuidados terrenos:  
e a poesia mais rica  
é um sinal de menos.

**Carlos Drummond de Andrade, A vida passada a limpo**